

**Uma Nova Estética Urbana na
Porto Alegre dos Anos 30**

Dra. Nara H. N. Machado - PUCRS

Uma Nova Estética Urbana na Porto Alegre dos Anos 30

Dra. Nara H. N. Machado - PUCRS

A partir de 1929, o “centro de gravitação das economias periféricas do mundo capitalista” desloca-se, assistindo-se a uma gradual substituição da Europa pelos Estados Unidos.¹ Sobretudo, a intensificação de uma conjuntura internacional favorável à guerra beneficia sobremaneira a aproximação das nações americanas em torno daquele país. Paralelamente, verifica-se, no mesmo período, uma crescente penetração norte-americana na América do Sul, inclusive no Brasil.² Penetração econômica, sem dúvida. Assim, os grandes empréstimos internacionais assumidos pelo Brasil em 1921, 1922, 1926 e 1927 são oriundos de Nova Iorque.³ No caso de Porto Alegre, os empréstimos realizados entre a administração municipal da cidade e o banco estadunidense Lodensburg, Tholman & Cia, em 1922 e em 1926, em condições extremamente desvantajosas para a capital do estado (sobretudo o último), são exemplos desta crescente dependência.⁴ Que é também cultural.⁵ Neste nível – o cultural – a influência norte-americana evidencia-se em Porto

¹ GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. p. 21.

² *Ibidem*, p. 37.

³ BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Col. “Retratos do Brasil”. p. 214. Bandeira ressalta que se trata de um fenômeno mundial, que mostra o ascenso do domínio dos EUA em nível internacional.

⁴ BAKOS, Margareth. *A continuidade administrativa no Governo Municipal de Porto Alegre. 1897-1937*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1986. p. 137.

⁵ É sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial, nos anos 40, que a cooperação entre o Brasil e os EUA se sedimenta, intensificando-se uma política de aproximação cultural.

Alegre já antes dos anos 30 mas, sobretudo, a partir desta década através, entre outros fatores, da identificação crescente de um novo componente no cenário urbano, o edifício em altura. O objetivo da presente comunicação é analisar esta influência na conformação dos inícios de uma nova espacialidade no plano urbano e edificatório em Porto Alegre.

1. A edificação em altura

Um expressivo aumento no número de construções ocorre em Porto Alegre ao longo dos anos 20, sobretudo no seu final e ao longo do decênio seguinte. Ao mesmo tempo, amplia-se crescentemente a altura dos prédios o que implica na progressiva mudança na paisagem visual até então predominantemente horizontal. Contudo, a ânsia por edificações em altura, no virar dos anos 20 e anos 30, não é exclusiva a Porto Alegre, verificando-se em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Em meados de 1929, por exemplo, o jornal *Diário de Notícias* constata a febre das construções então efetuadas na capital do país, entre as quais “multiplicam-se os arranha-céus”. A matéria ressalta a presença cada vez maior da “edificação [norte-]americana que altera tão visivelmente a fisionomia dos aglomerados urbanos”, citando o caso do Rio de Janeiro que já possui o mais alto edifício da América do Sul, o prédio do jornal *A Noite* (1926-1928), com 24 pavimentos.⁶ Para a infelicidade dos cariocas, é logo ultrapassado pelo prédio Martinelli, em São Paulo, com 30 andares, construído de 1925 a 1929, que passa a ser festejado pelos paulistas como “o mais alto do mundo fora da América do Norte” e é saudado, em Porto Alegre, como “o maior arranha-céu da América do Sul”.⁷ Imediatamente

⁶ “Da vida carioca: o maravilhoso progresso do Rio”. *Diário de Notícias*, 09.06.1929. p. 1. Ver também: “A construção de São Paulo aumenta”. *Correio do Povo*, 31.01.1934. p. 3; — “Cidades do Brasil: São Paulo monumental”. *Revista do Globo*, ano 5, nº 6, 05.04.1933. s.p.; — “Erguem-se no Rio os arranha-céus vertiginosos”. *Diário de Notícias*, 10.01.1940. p. 5. Esta edificação foi, por algum tempo, a mais alta do mundo em estrutura de concreto armado.

⁷ Respectivamente: *Diário da Noite*. São Paulo, 25.05.1928. p. 1. Cit. por HOMEM, Maria Cecília N. *O prédio Martinelli: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo*. São Paulo: Projeto, 1984. p. 103; — “O maior arranha-céu da América do Sul”. *Correio do Povo*, 27.06.1934. p. 5. O prédio

transforma-se em símbolo do progresso da capital paulista, sendo utilizado como cartão postal da mesma. Outrossim, o 4º Congresso Pan-Americano de Arquitetos, realizado no Rio de Janeiro, em junho de 1930, tem como um de seus temas a discussão sobre a importância do arranha-céu, vencendo a tese que privilegiava a utilização deste tipo de edificação para moradia por ser higiênico, econômico, social e estético.⁸

A vinculação, pela imprensa porto-alegrense, dos edifícios mais altos àqueles norte-americanos é freqüente.⁹ Não por acaso, na medida em que um novo tipo de imóvel — aquele de grande altura, chamado de *arranha-céu* — surgira nos Estados Unidos na segunda metade do século 19, tornando-se rapidamente um poderoso símbolo do crescimento, progresso e modernidade daquele país.

Isto é, apesar da dívida com a arquitetura européia, o arranha-céu é “seguramente, mais do que qualquer outro tipo de edificação, tanto quintaessencialmente norte-americano como do século vinte.”¹⁰ São edificações que rompem gradativamente com a escala européia, propiciadas pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas e pela dinâmica de conglomerados capitalistas em expansão, com sua necessidade irrefreável de conseguir maior rentabilidade sobre a propriedade fundiária.¹¹ Pode-se distinguir, neste processo, duas fases principais: a primeira, do proto arranha-céu, mais ou menos a partir de 1880, abarca edifícios de escala modesta, com cerca de oito a dez andares; e uma segunda, dos anos 1889 em diante, já configura o arranha-céu propriamente dito, concentrando prédios de uma altura

Martinelli é, então, o mais alto do mundo com estrutura em concreto armado; somente será superado pelo prédio Cavanagh, em Buenos Aires, em 1935.

⁸ “4º Congresso Pan-Americano de Arquitetos”. *Diário de Notícias*, 22.02.1930. p. 8; — “4º Congresso Pan-Americano de Arquitetos”. *Arquitetura e Urbanismo*, nº 2, março e abril de 1940. p. 81-82

⁹ “A cidade”. *Diário de Notícias*, 17.05.1930. p. 5; — “A cidade que se renova”. *Correio do Povo*, 05.06.1930. p. 8; — “Uma rápida visão de Porto Alegre.” *Correio do Povo*, 30.09.1934. p. 18; — “A cidade das vertigens”. *Revista do Globo*, ano 4, nº 5, 12.03.1932. s.p.

¹⁰ GOLDBERGER, Paul. *The Skyscraper*. New York: Alfred A. Knopf, 1981. p. 3. Ver também p.51.

maior, de doze a vinte andares.¹² No início, em sua maioria, são prédios destinados a lojas, hotéis, entrepostos e sobretudo a escritórios. Mas, rapidamente, passam também a abrigar a função residencial. A partir do final do século 19, é a própria síndrome do alto: mais e mais andares, cada vez mais. Nos anos trinta do nosso século, a prioridade é a altura.¹³

A afirmação deste tipo de edificação ao longo das primeiras décadas do século 20 modifica a própria noção da imagem tradicional de cidades tais como Nova Iorque, Filadélfia, Boston e Chicago. Alguns edifícios transformam-se em símbolo dos Estados Unidos como o Chrysler, em 1930, com seus 77 andares, então o mais alto do mundo; é rapidamente suplantado, um ano após, pelo Empire State, com 102 andares, configurando uma nova referência espacial.¹⁴ A busca frenética das alturas traz, então, comentários elogiosos às novas edificações que seriam “a grande contribuição à arquitetura do mundo”.¹⁵ Traz, também elogios à cidade que delas emana, convertida em uma “meca [...] sinônimo do grande, vasto, fulminante, miraculoso!”¹⁶ Igualmente atribuem-se valores morais ao povo e à nação capazes de construir tais edificações. Conforme alguns arquitetos,

*O arranha-céu é [...] o símbolo autêntico de um povo audacioso e aventureiro mas também infatigável e confiante na sua força e potência.*¹⁷

¹¹ Ver a apresentação de Bernard Huet ao nº 178 de *L'Architecture d'aujourd'hui*, intitulado “Gratte-ciel”, mars-avril 1978, p. 1. Outrossim, nos Estados Unidos não existia o entrave de um gabarito limitador de altura tal como na Europa, o que facilitou a proliferação deste tipo de edificação.

¹² MIGNOT, Claude. *L'Architecture au 19^e siècle*. Fribourg (Suisse): Office du Livre, 1983. p. 300-301.

¹³ GOLDBERGER, op. cit., p. 77.

¹⁴ GOLDBERGER, op. cit., p. 80 e 85.

¹⁵ Segundo o arquiteto norte-americano Harvey Wiley Corbett, em 1932, citado por VAN LEEUWEN, T. “Le gratte-ciel ou le mythe de la croissance naturelle”. In: COHEN, J.-L.; DAMISCH, H. (Org.). *Américanisme et modernité. L'idéal américain dans l'architecture*. Paris: EHESS/Flammarion, 1993. p. 115, nota nº 16. Para Corbett, o sucesso deste tipo de edificação decorria da busca do máximo de eficácia na utilização do “tempo, energia e solo” e não de uma exigüidade ou falta de terrenos.

¹⁶ Segundo o livro promocional da cidade, *New York: The Wonder City*, publicado em 1932, citado por GOLDBERGER, op. cit., p. 91.

Paralelamente verifica-se, por parte de inúmeros artistas e arquitetos europeus, uma fascinação pela América do Norte e pelas novas configurações espaciais por ela proporcionadas. Assim, o arquiteto Peter Behrens, em 1912, defende “o aporte de massas verticais compactas” nas cidades desenvolvidas horizontalmente.¹⁸ Le Corbusier, em 1917, coloca sua vontade de

*[...] ver, nesta noite, sob a bruma, os arranha-céus de Nova Iorque [...]. Eu queria estar lá onde existe a energia para criar uma outra vida.*¹⁹

Em 1922, ele apresenta o plano para uma cidade contemporânea tendo como parâmetro os Estados Unidos de Henry Ford e, três anos após, o conhecido Plano *Voisin*. Nos anos 30, exprimindo a euforia existente em relação à América do Norte, o arquiteto franco-suíço chega a colocar, após uma visita a Nova Iorque: “Eu sou norte-americano!”²⁰ No Brasil, em 1928, o arquiteto russo, radicado em São Paulo, Gregori Warchavchik, afirma que os arranha-céus são “os verdadeiros monumentos da idade atual [...] a resultante magnífica da marcha da civilização”²¹ e enfatiza o seu surgimento como uma necessidade irreprimível da aspiração ao gigantesco presente na natureza humana. Quase na mesma época, em Porto Alegre, os arranha-céus são

¹⁷ Arquiteto norte-americano Cass Gilbert, em 1928, citado por VAN LEEUWEN, art. cit., p. 116, nota nº 25.

¹⁸ Arquiteto Peter Behrens, citado por PASSANTI, F. “Le Corbusier et le gratte-ciel aux origines du Plan Voisin”. In: COHEN, J.-L.; DAMISCH, H. (Org.). *Américanisme et [...]*, op. cit., p. 174.

¹⁹ LE CORBUSIER, carta à William Ritter, em 19 de fevereiro de 1917, citado por PASSANTI, art. cit., p. 183.

²⁰ LE CORBUSIER, *Quand les cathédrales étaient blanches* (1937). Paris: Denoël-Gonthier, 1983. “Bibliothèque Médiations”. p. 49 e p. 52. O fascínio de Le Corbusier pelos Estados Unidos expressa-se claramente neste livro apesar de restrições e críticas a vários aspectos daquele país ou de seus arranha-céus.

²¹ WARCHAVCHIK, Gregori. “Arquitetura do século 20”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 02.12.1928. p. 27. Este artigo encontra-se reproduzido in: SOUZA, Ricardo F. Christiano de. *Trajétorias da arquitetura modernista*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informações e Documentação Artísticas, Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 1982. “Cadernos”, nº 10. p. 27-30.

apresentados como distintivos do século 20, assim como as catedrais o foram da Idade Média.²²

Não se pode deixar de sublinhar aqui, mesmo brevemente, três aspectos relativos a este tipo de edificação. O primeiro diz respeito à busca de altura que a própria imagem do arranha-céu traduz. Esta não é, contudo, apanágio dos norte-americanos, mas vem sendo recorrente na história humana pela carga simbólica de atributos e grandiosidade atribuídos às imagens de verticalidade.²³ A pirâmide, o zigurate, a torre de Babel, a torre feudal, a catedral medieval e, mais perto, a torre Eiffel o demonstram. Com escalas diferentes, é certo, mas buscando a valorização proporcionada pela verticalização.²⁴ No caso dos arranha-céus, não por acaso são os andares superiores os mais requisitados, evidenciando um maior prestígio ou superioridade de seu detentor.

O segundo aspecto concerne à emblemática do arranha-céu enquanto uma mercadoria — “[aquela que] assim como a pá ou a arma, é fabricad[a], circula e é consumid[a]”²⁵ — proporcionadora de significativa taxa de lucro, na medida em que o surgimento deste tipo de imóvel está diretamente vinculado ao aumento das aplicações financeiras imobiliárias. Possibilita, através de “um estratagema mecânico”, multiplicar “as áreas afortunadas tantas vezes quantas for possível vender e revender a área do terreno original”.²⁶

É importante ainda salientar um terceiro aspecto sem o qual as novas edificações não veriam a luz: as inovações tecnológicas e os novos materiais que revertem situações construtivas anteriores, estimulando novas

²² ESCUDER, J. “O arranha-céu. Símbolo da época”. *Correio do Povo*, 26.11.1930. p. 3.

²³ Ver: ELIADE, Mircea. *Images et symboles: essais sur le symbolisme magico-religieux*. Paris: Gallimard, 1952. “Les essais”. p. 49; p. 53-65; — BACHELARD, Gaston. *El aire y los sueños: ensayo sobre la imaginación del movimiento*. Trad. do francês por E. de Champourcin. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p. 20-21 e p. 180.

²⁴ BACHELARD, op. cit., p. 17-18.

²⁵ FERRO, Sérgio. *O Canteiro e o Desenho*. 2ª ed. São Paulo: Projeto, 1982. p. 9. Ferro refere-se ao objeto arquitetônico em geral enquanto uma mercadoria.

experimentações com destaque para um elemento central: o elevador que pode ser considerado como “[...] o grande emancipador de todas as superfícies horizontais situadas acima do térreo”.²⁷ Utilizado rudimentarmente pela primeira vez em Nova Iorque, em 1856, sua presença rapidamente generaliza-se. É possível, agora multiplicar ao infinito os planos horizontais.

Portanto, é a conjugação destes três fatores que possibilita os grandes edifícios de negócios, os imensos hotéis e os altos edifícios de apartamentos inicialmente em Chicago e em Nova Iorque, na segunda metade do século passado. E tudo o que veio a seguir, isto é, “a epopéia dos arranha-céus”.²⁸

3. As edificações em altura em Porto Alegre e as valorizações suscitadas

No período aqui abordado, já na véspera do decênio de 1920, tornam-se comuns edificações com quatro, cinco, e até mais andares. Como, por exemplo, o antigo ed. La Porta, propriedade de Angelo La Porta, que então abrigou o hotel com o mesmo nome e, nos anos 30, as instalações da Firma Carlos Herrmann & Cia. Ltda. Localizado na esquina da rua Andradas com a Uruguai, este prédio de cunho historicista permaneceu, durante muito tempo, abandonado, abrigando atualmente as dependências locais de uma companhia aérea. Pode também ser citado o prédio do Grande Hotel, aproximadamente de 1918, na Andradas com a Caldas Júnior, hoje demolido. Ou ainda o edifício do Hotel Majestic (hoje Casa de Cultura Mário Quintana), na trav. Araújo Ribeiro, cujos inícios remontam aos anos 10.

A estes prédios pode-se agregar, entre outros exemplos, o ed. Bier e Ulmann, na Siqueira Campos com Uruguai e o ed. Alcaraz, na Andrade Neves com a trav. Itapirú, que abrigava o Regina-Hotel (atual Hotel Lido), ambos de

²⁶ WRIGHT, Frank Lloyd. “Modern Architecture”. Conferência proferida na Universidade de Princeton em 1930. Cit. por BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. Trad. do italiano por Ana M. Goldberger. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 234-236.

²⁷ KOOLHAS, Rem. *New York délire. Un manifeste rétroatif pour Manhattan*. Trad. de l’anglais par Catherine Collet. Paris: Chêne, 1978. P. 68.

1930. Ou o ed. Ventura Pinto, inaugurado em 1929, com seus seis pavimentos, na Andradas com Mal. Floriano e o ed. Bastian Pinto, na Vig. José Inácio com a Andradas, abrigando lojas, escritórios, consultórios e apartamentos, assim como pode ser lembrado o edifício de seis pavimentos, na Andradas, próximo à Borges de Medeiros, no qual hoje encontravam-se, há pouco tempo atrás, as Lojas Brasileiras S.A. Ou ainda a galeria Chaves Barcellos, bastante festejada na ocasião de sua inauguração. Mas, os destaques dos jornais são para o futuro Novo Hotel Jung (na Alberto Bins com a praça Quinze) bem como para o ed. Imperial, que será então o prédio mais alto da cidade, abrigando o cinema do mesmo nome.²⁹

Mas aquele que foi considerado, nos inícios do século 20, como o primeiro *skyscraper* da cidade é bem mais antigo e merece aqui uma referência especial. O ed. Malakoff, com seus quatro andares, ao que parece, produziu um verdadeiro furor quando foi finalizado, em 1867, constituindo visita obrigatória para o interiorano de passagem pela capital que recebia, ao voltar para o seu local de origem, a inevitável pergunta: “Viste o Malakoff?”³⁰ Mesmo descontando um certo exagero, deve-se levar em conta que então os prédios em Porto Alegre não ultrapassavam os três andares.³¹ Contudo, nos anos 20, transformou-se em reminiscência de um passado colonial a obstruir o progresso da cidade. Decadente, foi então qualificado de “anti-estético”³², sendo demolido em meados do século.

Voltando ao período considerado, a imprensa da época evidencia um sentimento de ufanismo em relação às edificações mais altas, taxadas, sem qualquer senso crítico e mesmo em prédios baixos, de arranha-céus. Por

²⁸ RAGON, Michel. *Histoire mondiale de l'architecture et de l'urbanisme modernes*. Tome I: *Idéologies et pionniers. 1800-1910*. Tournai (Belgique): Casterman, 1971. p. 206.

²⁹ “As grandes construções da cidade que se moderniza”. *Correio do Povo*, 06.04.1930. p. 6 e 9.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Mesmo assim os sobrados porto-alegrenses suscitavam, por sua altura, a admiração de viajantes estrangeiros de passagem pela cidade. SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. (1887). Trad. do francês por Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: ERUS, 1987. p. 43.

³² “A cidade”. *DN*, 08.11.1928. p. 5.

exemplo, notícia no jornal *Diário de Notícias*, em 1930, coloca que “na capital gaúcha a febre dos grandes prédios abarca inúmeros trechos da cidade que não só se vai espriando como se elevando à altura no delírio dos seus arranha-céus.”³³ Claro, tudo é uma questão da escala utilizada em termos comparativos. Assim, na Província de São Pedro, de cunho predominantemente horizontal, os primeiros elementos de uma verticalidade mais acentuada não poderiam deixar de despertar curiosidade à qual acrescenta-se espanto e orgulho, não importando, ainda segundo um periódico local, que “ele [o edifício vertical] quebre violentamente o nível de altura [horizontal] que predomina [...] no desenvolvimento construtivo de nossas ruas.”³⁴ Nova Iorque é apresentada como a cidade que, devido à exigüidade de espaço, criou “o tipo arrojado do arranha-céu”, mas outras cidades sem este problema são lembradas por seguirem o exemplo. A edificação em altura é identificada ao “índice prodigioso do progresso. [...] Porto Alegre não pode fugir à regra.”³⁵

O escritor Reynaldo Moura capta muito bem a percepção eufórica dominante em relação aos edifícios aspirantes à altura e sua vinculação com o crescimento da urbe. Em artigo publicado no *Diário de Notícias*, em 1932, não sem alguma ironia, coloca:

Cimento Portland
Ferro “made in U.S.A.”
[...]
É o arranha-céu

³³ “A cidade”. *Diário de Notícias*, 19.01.1930. p. 7. Ver também: “A cidade”. *Diário de Notícias*, 20.11.1929. p. 7; — “Os melhoramentos da capital”. *Correio do Povo*, 01.10.1932. p. 7; — “Uma rápida visão de Porto Alegre”. *Correio do Povo*, 30.09.1934. p. 18.

³⁴ SILVEIRA, Geraldino. “Os ‘arranha-céus’”. *Diário de Notícias*, 18.01.1928. p. 5.

³⁵ “A cidade que se renova”. *Diário de Notícias*, 22.06.1930. p. 6. Isto não significa que eventualmente não compareça uma visão crítica das edificações em altura, julgando-as excessivas e desnecessárias. Mas são raras. Ver: “A cidade”. *Diário de Notícias*, 24.07.1930. p. 5.

Já há disso em Porto Alegre. São do outro mundo para os naturais. O turista não os percebe.

[...]

O arranha-céu é o filme em série.

É a coca misturada com o cimento dos engenheiros modernos.³⁶

Em artigo posterior, Nova Iorque é saudada como

*a terra que nem é terra porque tudo ascende
numa escala triunfante para o céu.³⁷*

Parte do primeiro artigo foi retomada em capítulo do livro *A Ronda dos anjos sensuais*, publicado em 1935, romance que tem como pano de fundo uma cidade — Porto Alegre — que se moderniza rapidamente e que, sobretudo, se quer moderna.³⁸ O edifício em altura integra naturalmente o cenário urbano e ao mesmo tempo o dignifica e qualifica:

*O arranha-céu se destaca, nítido, sobre o milagre azulado
e côncavo da madrugada.*

[...]

*[...] as antenas do arranha-céu são cabeças douradas de
serpentes.*

[...]

Arranha-céus acesos. Jóias suspensas entre a fuligem do alto.³⁹

³⁶ MOURA, Reynaldo. “O arranha-céu.” *Diário de Notícias*, 20.01.1932. p. 4.

³⁷ *Ibidem.*, “Uma cultura de antecipação”. *Diário de Notícias*, 03.04.1932. p. 3.

³⁸ Uma cidade que se quer moderna mas sem abrir mão de controles morais e sociais, também expressos no romance citado e bem assinalados na análise que lhe dedica Cláudio CRUZ, no primeiro capítulo de seu *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS/IEL, 1994. “Ensaio”. p. 23-56.

³⁹ MOURA, Reynaldo. *A ronda dos anjos sensuais*. Porto Alegre: Columbia, 1935. Respectivamente p. 9, p. 10 e p. 140. Ver o capítulo intitulado “Arranha-céu”, p. 72-82.

Isto é, a verticalidade surge como uma nova forma de beleza, um atributo especial da capital do estado que a colocaria lado a lado com os grandes centros urbanos da América do Sul. A cidade avançaria “para o futuro rasgando as nuvens com seu arrocho e força”.⁴⁰ A cidade deveria abandonar a roupagem provinciana, considerada pelos governantes, burguesia urbana emergente e classes médias como inadequada à imagem de progresso que a capital do estado deveria ostentar, num contexto nacional de aceleração da industrialização e urbanização do país. Tratava-se, para a cidade periférica, de ingressar plenamente na trilha de transformações espaciais que corporificariam a sua modernização, indispensável para afirmá-la, assim como a seus dirigentes e elites, no quadro da nação. É visível neste contexto, a aceleração do processo de busca de uma nova imagética, aquela da verticalidade, com o conseqüente deslocamento das referências visuais, até então majoritariamente européias, sem abandono destas, para novos horizontes, aqueles dos Estados Unidos, que aparecem como um modelo de dinamicidade, lucro e progresso, modelo, portanto, a ser imitado, no mais das vezes sem qualquer viés crítico. Começa a afirmar-se, portanto, um modelo de configuração espacial e de estética urbana sem volta.

⁴⁰ “A cidade que se renova”. *Diário de Notícias*, 05.06.1930. p. 8. Ver também: “Kaleidoscópio urbano”. *Diário de Notícias*, 01.03.1931. p. 16; — “Os melhoramentos da capital”. *Correio do Povo*, 01.10.1932. p. 7; — “A nossa capital”. *Revista do Globo*, ano 4, n° 12, 18.06.1932. s. p.